

Geovane Pereira da Silva
Universidade Federal do
Ceará – UFC
E-mail: geovane@ufpi.edu.br

Michel Alves Ferreira
Universidade do Estado do
Mato Grosso – Unemat
E-mail:
maferreiragi@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Bixa Preta no Instagram: masculinidades negras homoafetivas em (des)continuidade

*Negro maricón en Instagram:
masculinidades negras homoafectivas en
(des)continuidad*

*Black fag on Instagram: black
homoaffectionate masculinities in
(dis)continuity*

Pereira da Silva, G., & Alves Ferreira, M. “Bixa Preta” no
Instagram: masculinidades negras homoafetivas em
(des)continuidade. *Revista Eco-Pós*, 28(2), 368–391.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i2.28502>

RESUMO

Este estudo discute as expressões de masculinidades negras homoafetivas através de noções sobre a *Bixa Preta* na rede social Instagram. Guattari, 2011). O suporte teórico inclui Veiga (2019), Francisco (2019), Akotirene (2019), Oliveira (2017) e Feenberg (1995). Através do material coletado, observou-se que as masculinidades negras homoafetivas se distanciam das noções normativas de virilidade, afastando-se da figura do “Negão” e configurando-se em torno da “Bixa Preta”, com diversidade corporal e de vestuário. Além disso, as expressões da “Bixa Preta” no Instagram representam um processo de (des)continuidade, com um discurso imagético que reafirma positivamente a resignificação dessas masculinidades.

PALAVRAS-CHAVE: *Bixa Preta*; *Masculinidades negras homoafetivas*; *Instagram*.

ABSTRACT

This study discusses the expressions of Black homoaffective masculinities through notions of the *Bixa Preta* on the social media platform Instagram. Methodologically, the material was collected and analyzed using Cartography (Deleuze & Guattari, 2011). The theoretical framework includes contributions from Veiga (2019), Francisco (2019), Akotirene (2019), Oliveira (2017), and Feenberg (1995). The collected material reveals that Black homoaffective masculinities diverge from normative conceptions of virility, distancing themselves from the figure of the “Negão” and instead forming around the “Bixa Preta,” characterized by a multiplicity of bodies and styles of dress. Furthermore, the expressions of the “Bixa Preta” on Instagram represent a process of (dis)continuity, with an imagetic discourse that positively reaffirms the redefinition of these masculinities.

KEYWORDS: *Black Queer Femme*; *Black Homoaffective Masculinities*; *Instagram*.

RESUMEN

Este estudio analiza las expresiones de masculinidades negras homoafectivas a partir de la figura de la *Bixa Preta* en la red social Instagram. Metodológicamente, la recopilación y el análisis del material se realizaron mediante la Cartografía (Deleuze y Guattari, 2011). El marco teórico incluye las contribuciones de Veiga (2019), Francisco (2019), Akotirene (2019), Oliveira (2017) y Feenberg (1995). El material recopilado revela que las masculinidades negras homoafectivas se alejan de las concepciones normativas de la virilidad, distanciándose de la figura del “Negão” y configurándose en torno a la “Bixa Preta”, caracterizada por una multiplicidad de cuerpos y estilos de vestir. Además, las expresiones de la “Bixa Preta” en Instagram representan un proceso de (des)continuidad, con un discurso imagético que reafirma positivamente la resignificación de estas masculinidades.

PALABRAS CLAVE: *Bixa Negra*; *Masculinidades negras homoafectivas*; *Instagram*.

Submetido em 14 de maio de 2025.

Aceito em 02 de setembro de 2025.

Introdução

Bixa. Baitola. Bambi. Boneca. Termos que foram construídos pejorativamente ao longo dos anos no Brasil para designar homens com características, comportamentos e vestimentas que se aproximem do universo construído historicamente como feminino pela cultura hegemônica colonial/ocidental. Em outras palavras e, a partir do senso comum: homens afeminados. Observar esses acontecimentos, em uma costura social e na cotidianidade das relações, sobretudo, a partir das contribuições históricas dos movimentos/coletivos e estudos de gênero, é possível apontar para práticas e construções de masculinidades em interseção com sexualidades não dominantes (heterossexualidade): bissexualidade, homoafetividades, panssexualidade, assexualidade, etc.

É por meio da relação dos Estudos de Gênero e Comunicação que este texto se propõe a discutir as expressões de masculinidades negras homoafetivas através de noções sobre a *Bixa Preta* na rede social Instagram. Cabe destacar que o texto é fruto de uma pesquisa qualitativa de mestrado na área de Comunicação (do primeiro autor deste artigo). Metodologicamente, este estudo foi construído por meio do antimétodo Cartografia (Deleuze; Guattari, 2011).

A escolha por esse caminho se deu pela natureza de uma pesquisa-intervenção, que, na busca de cartografar modos de produção de masculinidades negras homoafetivas no Instagram, nós, sujeitos-pesquisadores, também nos posicionamos enquanto sujeitos-pesquisados: homens negros homoafetivos que utilizam o Instagram. Durante um período de 10 meses, de outubro de 2021 a julho de 2022, realizamos um processo cartográfico (Deleuze; Guattari, 2011) com as seguintes ferramentas: observação, descrição, registro e posição reflexiva do cartógrafo; as quais foram aplicadas ao Instagram por meio das publicações vinculadas à hashtag #negrogay, escolha feita pela descrição de dois descritores dos marcadores de raça *negro* + sexualidade *gay*.

Através dessa aplicação metodológica, capturamos 1.221 (mil duzentas e vinte e uma) imagens¹ com uso da #negrogay. O fluxo discursivo-imagético, guiado pelas ferramentas da

¹ É importante sinalizar que as imagens aqui utilizadas são capturas de tela no Instagram, oriundas da dissertação (Silva, 2023). Para tanto, é necessário explicitar que um dos documentos que regulamenta o uso de imagens em pesquisas científicas no Brasil, especificamente para as Ciências Humanas e Sociais, é a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Essa documento considera e permite o uso de material imagético em pesquisas desde que contribuam para o desenvolvimento humano que contempla as esferas sociais e culturais seguindo a ética e procedimentos científicos. Este artigo não

cartografia, orientou-nos a perceber a repetição de características nos sujeitos das imagens, em espaços físicos, vestimentas e linguagem utilizadas pelos mesmos nas publicações do Instagram. Com o material empírico coletado, formulamos um eixo de discussão para análises, o qual denominamos *Corporalidades*, que dividimos em dois agrupamentos de sentidos: *Negão* e *Bixa Preta*. Aqui, apresentamos o agrupamento *Bixa Preta*, e também sinalizamos que não temos a pretensão de definir *Bixa Preta* como conceito, ou delimitar quais masculinidades se encaixam nesse discurso-imagético, mas sim discutir as expressões de masculinidades negras homoafetivas no Instagram (Silva, 2023).

É fundamental destacar que a tecnologia, assim como sua materialização por meio dos artefatos tecnológicos, não está isolada das disputas narrativas e das relações de poder entre os diversos grupos que a utilizam. Conforme observa Feenberg (1995) a tecnologia “[...] não é só o controle racional da natureza: tanto seu desenvolvimento, quanto seu impacto são intrinsecamente sociais” (Feenberg, 1995, p. 70-71).

Além disso, por este trabalho se tratar de um fragmento de uma dissertação (re)construído em formato de artigo, o material apresentado aqui está limitado a cinco conjuntos de capturas que somam um total de 16 (dezesesseis) imagens. Dessa maneira, dividimos o presente trabalho em apresentação, referencial teórico que auxilia as análises das capturas que giram em torno dos atravessamentos da noção de *Bixa Preta*. Por sequência, a discussão do material e reflexões, finalizando com alguns apontamentos sobre a *Bixa Preta* no Instagram.

1 Noções sobre *Bixa Preta*

Antes de apresentarmos uma discussão sobre a *Bixa Preta*, o outro aspecto que discutimos nesta seção, recorreremos ao texto do cientista social brasileiro André Henrique dos Santos Francisco (2019), que trata sobre masculinidades e negritudes em aplicativos de encontros entre homens. Para tal, o autor propôs a discussão de dois estereótipos, *Lacraia* e o *Negão de tirar o chapéu*: a partir e em consonância com entrevistas realizadas para o estudo em

incorre em violação dos direitos dos sujeitos representados nas imagens, uma vez que todas as capturas de tela realizadas durante o processo cartográfico — entendido como procedimento científico — foram extraídas de perfis públicos, cujas informações são identificáveis e acessíveis livremente. Ademais, o conteúdo coletado não foi alterado, preservando-se integralmente as características originais das imagens registradas.

questão com usuários negros de aplicativos de relacionamento para homens homoafetivos de diferentes estados brasileiros. Através disso, Francisco (2019) definiu tais estereótipos da seguinte forma:

Nas conversas com amigos e nas entrevistas, percebi que a valorização ou desvalorização do indivíduo perpassa por dois estereótipos que povoam o ideário do senso comum: a “lacreia” e o “negão de tirar o chapéu”. Optei por utilizar essas figuras emblemáticas por serem amplamente conhecidas — “lacreia” era o apelido/nome artístico de [Marco Aurélio da Silva] um dançarino de funk negro, homossexual, de origem periférica e afeminado; “negão de tirar o chapéu” é uma alegoria de uma canção [“Meu ébano”] de Alcione que faz menção a um homem negro másculo, viril e desejável por se encaixar num padrão socialmente aceito de masculinidade — bem como por terem sido usados como referências em mensagens recebidas por amigos e/ou entrevistados. É importante notar, aqui, que se trata de uma questão de estereótipos de raça aliados a estereótipos de masculinidade (Francisco, 2019, p. 43).

O autor também ressalta que, por se tratar de uma rede de relacionamento entre homens, elementos do ideal de masculinidade vigente como força, virilidade, assertividade, entre outras características, recaem sobre o estereótipo do *Negão de tirar o chapéu*. Com isso, gera-se uma valorização, mas tal valorização está ligada à fetichização da virilidade desse estereótipo (Francisco, 2019).

Francisco (2019) ressalta que todos os entrevistados abordaram que o tamanho do pênis é uma questão em voga nas interações e jogos de interesses nos aplicativos de relacionamento e como isso remete a um ideário coletivo que associa a negritude dos entrevistados ao tamanho do pênis deles.

Sobre isso, Francisco (2019) também discorre que os entrevistados que atendem a essas expectativas de pênis e virilidade, ligadas a um corpo musculoso, são valorizados. Nesse ponto, o autor disserta que “O súbito desinteresse está ligado à quebra da expectativa em torno da imagem do ‘negão de tirar o chapéu’. E que aproxima do *oposto* dessa ideia: o afeminado, a *lacreia*’ (Francisco, 2019, p. 48). Por conseguinte, Francisco (2019) aponta que:

Além disso, ressaltaram o fato de que a identidade negra, no senso comum, é associada à virilidade, ao potencial dos órgãos genitais e à imagem da masculinidade do “negão de tirar o chapéu” que é cobrado para ser o “ativo”. Logo, a imagem da “lacreia” subverte esse ideário e, por sua desvinculação em relação à masculinidade hegemônica, para além da sua exotização, deve sofrer

uma série de sanções. No que tange a essas relações de poder e (des)valorização dos corpos, especialmente os negros, “o culto à masculinidade hegemônica ligada a um corpo másculo e viril e a depreciação dos ‘afeminados’ continuam a ser reproduzidos por usuários de aplicativos gays em territórios criativos — independentemente da orientação sexual que assumem na esfera pública —, desvelando a permanência de um regime excludente que contraria a lógica de respeito e aceitação plena das diferenças (Francisco, 2019, p. 50).

É interessante perceber que Francisco (2019) faz uma discussão entre os dois imaginários sociais dentro dos modos de ver as masculinidades negras por dois vieses. O primeiro, do valorizado que retoma a hegemonia da noção másculo, o *negão de tirar o chapéu*, o qual é valorizado a custo de uma exotização (hiperssexualização). E o segundo, a *lacraria*, que remonta ao feminino, o olhar da desvalorização dentro de uma cultura masculina de relações homoafetivas, a quebra de expectativas. Nessa direção, propomos a compreensão sobre *Bixa preta*, como condutor para pensar essas margens e possibilidades nos modos de apreender as masculinidades negras homoafetivas.

O psicólogo, mestre em Psicologia Clínica e ativista negro Veiga (2019), ao discutir sobre o processo de descoberta da sexualidade homoafetiva de homens negros, o compreende como uma diáspora, a qual nomeia de *Bixa Preta*. No sentido de que, além dos entraves e problemáticas das práticas sociais e de subjetividades relacionadas às negritudes, a sexualidade homoafetiva tem um movimento de submissão ao modo de vida do homem-branco-heterossexual. Segundo o autor, isso implica tanto nas relações sociais quanto no seio familiar (rejeição ou discriminação no núcleo primário) e afetivo (com parceiros e comunidade LGBTQIAP+²). Diante desse contexto, Veiga (2019) salienta que:

Há uma redução da sua humanidade, da sua integridade como pessoa, que inclui a sua personalidade, sua história, seus desejos, seu modo de ver e estar no mundo a uma dimensão apenas corporal. O não-lugar da bixa preta na economia do desejo é o lugar de um corpo, por vezes animalizado, em que a fantasia em torno do tamanho do pênis e de sua performance sexual preenche o imaginário das bichas brancas, deixando pouco espaço para que a bixa preta possa entrar na economia do desejo como sujeito que tem um corpo e não apenas um corpo. Os movimentos lgbtgs são ainda muito atravessados pela

² Esta sigla representa a luta política e social da comunidade formada por pessoas que se identificam e expressam nas seguintes orientações sexuais e identidades de gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgênero, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Arromânticas, Agênero, Panssexuais, Polisssexuais, Não-binárias e mais expressões de gênero e orientações sexuais.

supremacia branca e pelo racismo dela derivado, de modo que pessoas lgbs negras, mesmo nestes espaços mais plurais, em que se pressupõe o acolhimento a todos aqueles que possuem uma sexualidade desviante da cis-hetero-norma, experienciem a recusa dos membros brancos dessas comunidades de reconhecerem seus privilégios enquanto tais e de se engajarem numa luta lgbt que seja interseccional (Veiga, 2019, p. 88).

É importante reafirmar que Veiga (2019) propõe o uso de *Bixa Preta* como uma experiência diaspórica e coletiva da sexualidade negra homoafetiva, que não se prende a separações tradicionais entre o que é entendido como masculino ou feminino. Contudo, o autor ressalta a hegemonia que rege os processos de subjetividades em torno dessas masculinidades e afetividades atreladas à lógica colonial branca, racista e heterossexual. Essa lógica promove o esvaziamento da humanidade de nós negros, ativando modos específicos de relação e controle sobre as corporalidades negras.

As considerações de Veiga (2019) podem ser conectadas com o que o professor, pesquisador e ativista Ferreira (2024) discorreu em seu ensaio, mesclando fragmentos autobiográficos com as contribuições dos estudos de gênero e estudos críticos da raça:

Por muito tempo, senti vergonha da minha cor, meus traços e cabelo, assim como vergonha pelos abusos e violências sofridas. Na medida em que fui crescendo, desde o fim da década de 1980, internalizei o sentimento de que essa miséria estrutural imposta, marcada colonialmente por classe social, gênero e raça, era mais do que merecida. Acreditei nisso e busquei a emulação cotidiana dos meus gestos, atitudes e comportamentos, pensando que sofreria menos a um mundo que se recusa a respeitar pessoas como eu (Ferreira, 2024, p. 93-94).

Para Ferreira (2024), a vergonha imposta no cotidiano relacional desde a infância gradualmente deu lugar ao sentimento de orgulho pessoal, à medida que categorias historicamente vistas como abjeções por certos grupos sociais passaram a adquirir novos sentidos e significados, tanto como formas de resistência quanto de afirmação positiva. Assim, conforme o autor, os termos *viado* e *negro* tornam-se instrumentos diários de luta e dignidade.

Ainda sobre a *Bixa Preta*, dialogamos com a professora, pesquisadora brasileira, negra e travesti Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), que problematiza e discute criticamente elementos que implicam em processos de subjetivação sobre os corpos de sujeitos

considerados periféricos e abjetos dentro da lógica hétero, branca e masculina no âmbito da educação, compreendendo tais corpos como (r)existências.

Em suas discussões, Oliveira (2017) articula categorias de análises, dentre elas a *Bixa Preta*. Nela, a autora expõe a relação da masculinidade e branquitude como modelos hegemônicos e a forma que as mesmas constituem um modelo de homossexualidade higienizada que desdobra na marginalização da bicha atravessada por questões raciais e socioeconômicas. Ao discutir o termo *Bixa Preta*, Oliveira (2017, p. 108) discorre que:

A adjetivação atribuída ao termo “preto” acena para um lugar que questiona as normas, as regras, a higienização cis heteronormatizante. Por isso, surge como uma possibilidade concreta para se referir aos corpos dos gays afeminados, dos viados e das bichas. Assim, adoto os termos “preta” e “preto” por identificar neles a possibilidade de discutir existências que questionam de maneira recorrente tanto a branquitude quanto a cis heteronormatividade hegemônicas. Afirmando, assim, que a bicha preta não dialoga com a bicha de origem francesa e burguesa. Seus sinais estão assinalados no regime escravista. É ali que ela brota. Ao contrário da bicha branca burguesa, a bicha preta sai às ruas e desafia não apenas as normas de gênero, mas a própria polícia (Oliveira, 2017, p. 108).

Oliveira (2017) trata da categoria *Bixa Preta* como uma forma de (r)existência que a acompanha desde a infância, o jeito abichalado: nos modos de falar, andar, se comportar como algo demonizado, ou seja, os aspectos feminilizados em um corpo dito ou entendido como masculino, praticando feminilidade, algo passível de violência, pois transgredir o modelo normatizado para o corpo masculino, bem como fere e questiona a masculinidade e sexualidade hegemônica (branca e heterossexual).

Para a autora, os corpos e modos de ser e estar no mundo das *Bixas Pretas* são invisibilizados, esvaziados de humanidades, pois:

Deslocado de um padrão hegemônico, o homossexual negro experimenta a negação no mundo homossexual — seus clubes, boates, espaços de confraternização, trajetórias pessoais modelares, imagens, mídia gay, sua perspectiva de poder e padrões de consumo sempre têm como referência o homossexual branco. E é justamente através da negação que a interseccionalidade entre racismo e homofobia se materializa. Através do racismo emerge a identidade homossexual hegemônica e da homofobia, a identidade masculina negra. Assim, o dispositivo de racialidade e de

sexualidade se cruzam, lugar onde as masculinidades ditas periféricas são exercitadas (Oliveira, 2017, p. 93).

Ainda sobre a categoria bicha, *Bixa Preta*, Oliveira (2017) descreve que:

Compreendo esse afeminamento como um exercício para contrapor a imagem padronizada do homem negro viril e, assim, reivindicar o direito de expressar outros modelos de masculinidade. Chamados pejorativamente de bichas por adotar um gestual e um vestuário que emergem de um universo considerado feminino, essa maneira de agir pode, ao mesmo tempo, significar a emancipação de um sujeito, mas também pode determinar seu confinamento [...]Nesses espaços, a bicha feminilizada adquire certo respeito à medida que exhibe uma imagem que a distância desse mesmo lugar, construída com o auxílio de acessórios que indica certo poder econômico (ainda que não o tenha), como roupas de “marca”, perfumes caros, tratamento capilar que pode incluir alisamento ou colocação de apliques, além de adotar uma postura de convencimento de que pode transitar por espaços mais chics, ainda que isso não seja totalmente verdade (Oliveira, 2017, p. 97).

Desse modo, neste estudo, a partir das discussões apresentadas, tem-se a relação de orientações discursivas-imagéticas em torno do *Negão* e da *Bixa preta* como parte do imaginário social que constitui e direciona modos de ver e perceber as masculinidades negras homoafetivas. Isto é, relacionadas características às estéticas e imagens dos corpos negros homoafetivos, atendendo à expectativa de um olhar da matriz de opressão colonial: no qual os corpos que atendem ao imaginário da hipersexualização, o *Negão*, recaem em uma lógica que os normatiza, sobretudo pelo processo de objetificação dessas corporalidades.

Por sua vez, a *Bixa Preta*, por ser entendida ao avesso da virilidade e exercer feminilidade, conflitua com a lógica hegemônica do *macho*, o algoz do sexo e da reprodução, assim indo num fluxo contrário à normatização dos corpos negros hipersexualizados, fluxo esse que produz outras objetificações para essas corporalidades.

Sendo assim, aponta-se que a dinâmica das masculinidades negras, neste estudo, ora alcança masculinidades que se aproximam do viril e normativo, o *Negão*, ora entranha na percepção da *Bixa Preta* noções de feminilidade. Entendem-se essas imagens-lugares não como opostas, ou meramente presas em uma dualidade, mas sim como agrupamentos direcionadores construídos sócio-historicamente e culturalmente para marcar as masculinidades negras homoafetivas.

Apoiado nas discussões apresentadas até o momento, é possível identificar duas macroestruturas centrais que moldam as práticas e significações das masculinidades negras homoafetivas no Brasil. A primeira está vinculada à experiência histórica da escravização colonial, entendida como uma força econômica fundamental. A segunda diz respeito à cultura da normatividade heterossexual, que regula e orienta as imagens-lugares representadas pelas figuras do *Negão* e da *Bixa Preta*.

Argumenta-se que essas estruturas podem ser compreendidas como vetores de (des)continuidade dos modos de produção de masculinidade na contemporaneidade. Para tanto, aplica-se a interseccionalidade, pois como argumenta a mestra e doutora em Estudos Interdisciplinares de Gênero, Mulheres e Feminismo, Carla Akotirene, (2019): “necessitamos compreender cisheteropatriarcado, capitalismo e racismo, coexistindo, como modeladores de experiências e subjetividades da colonização até os dias colonialidade [atualidade]” (Akotirene, 2019, p. 51).

A propósito, a interseccionalidade, como avalia Akotirene (2019), se configura como uma epistemologia e posição política originada e sistematizada por feministas negras, em períodos e contextos socioculturais diferentes, marcadas por opressões de raça e sexismo, assim como por outros marcadores sociais como não hierarquizados, mas sim somatórios.

Sobre esse imbricamento, as múltiplas estruturas interconectadas, a autora considera que grupos vitimados podem recorrer à interseccionalidade como ferramenta conceitual que proporciona sensibilidade interpretativa e crítica dos efeitos identitários, direcionando atenção às relações de opressões sob uma ótica global da matriz colonial moderna.

A partir da leitura de Akotirene (2019), compreende-se que a matriz colonial moderna está relacionada à hegemonia europeia branca — domínio e poder pelo uso de estruturas diversas: violências físicas e subjetivas, apagamento histórico, domínio da língua, inferiorização cultural e estética, etc. —, fruto do processo de colonização e opressões cruzadas da imigração forçada de africanos(as) de seus territórios para o trabalho escravo.

Para tal, o capital, estratificações sociais, binarismos identitários, a produção de subjetividades e divisão de humanos e não humanos são resultados dessa matriz. Ao mesmo passo, esses processos implicaram na estruturação e manutenção da sociedade moderna, bem

como seus desdobramentos se fazem presentes nas relações, divisões e concepções dos grupos sociais, sobretudo dos grupos vitimados como minorias sociais subjugadas de direitos, dignidade e exercício de cidadania plena.

Desse modo, justifica-se a interseccionalidade por ver nos dispositivos de comunicação na contemporaneidade espaço-canais de manutenção e criação para modos de existências para masculinidades subalternas. Nesse ponto, traz-se Veiga (2019), mesmo que o autor não trate sobre Instagram, mas ressalte que “[...] os diversos dispositivos midiáticos são um dos principais vetores de produção do desejo e estando a bixa preta numa condição de rejeição dentro desses dispositivos, o lugar que lhe é relegado na economia do desejo é um não-lugar” (Veiga, 2019, p. 88),

Esses diálogos possibilitam subsídios para tensionar o Instagram como um dispositivo de comunicação que articula relações, práticas, vetorização em torno das masculinidades negras homoafetivas, mesmo que o desenho tecnológico não tenha sido desenhado para tais questões. Ademais, é pertinente trazer novamente as contribuições de Feenberg (1995), para se entender as complexidades da tecnologia, assim como da necessidade de entendê-la enquanto uma perspectiva hermenêutica.

Nesse caso, a tecnologia não é somente um simples servidor de algum propósito social predefinido; é um ambiente dentro do qual um modo de vida é elaborado. Em suma, as diferenças do modo como os grupos sociais interpretam e usam objetos técnicos não são meramente extrínsecas, mas produzem uma diferença na própria natureza destes objetos (Feenberg, 1995, p. 79).

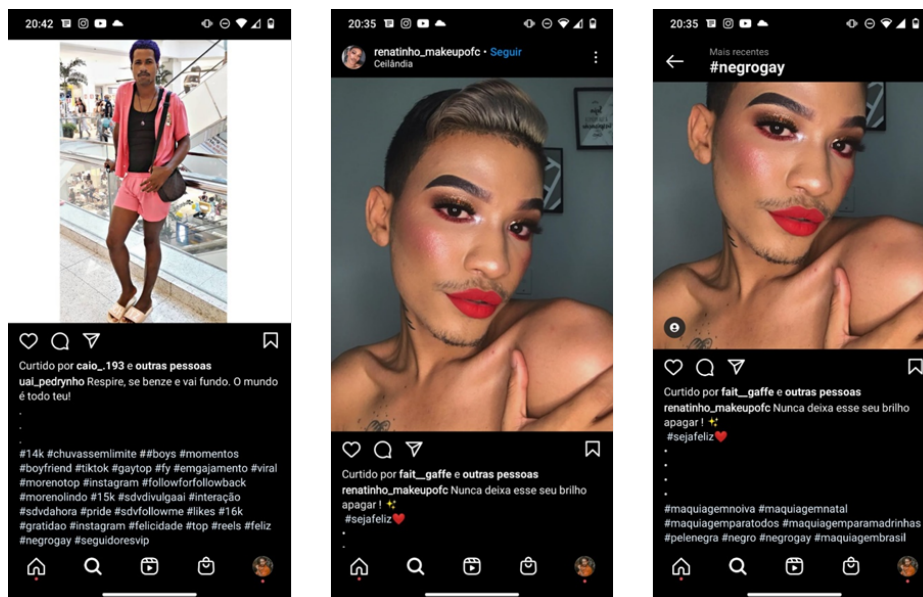
Isso significa que não se trata apenas de ser um mero servidor com intencionalidade, mas sim um ambiente onde modos de vida são elaborados, ressignificados, produzidos e reproduzidos, com todas as disputas inerentes em uma relacionalidade, dada a agência dos sujeitos. É sob essa perspectiva que é possível de se entender os modos de produção de outras masculinidades através do Instagram.

3 Bixa Preta no Instagram: análises

As capturas da Figura 1 trazem homens negros em ambientes diferentes. O primeiro está em um ambiente público, provavelmente um shopping ou uma grande loja, usando roupas

e acessórios socialmente tidos como femininos: shorts curtos e bolsa e suas vestimentas são de cor rosa, tonalidade que também está associada ao universo feminino.

Figura 1 - Capturas | Corporalidades *Bixa Preta*³



Fonte: Reprodução do Instagram.

O ambiente da segunda publicação é um espaço interno, que pode ser algum cômodo da casa do sujeito da foto. Nesse espaço, foi realizada uma fotografia com foco na parte superior do corpo, em que ele aparece sem camisa. Essa configuração sugere que o destaque está na maquiagem exibida, evidenciando olhos e pele com brilho, além dos lábios marcados por um batom vermelho. A maquiagem, tradicionalmente associada ao universo feminino, é geralmente vista como uma prática de *pertença* às mulheres.

Sendo assim, através das vestes, acessórios e prática da maquiagem em uso pelos sujeitos dos expostos assim, podemos identificar noções de feminilidade nos modos de homens negros se expressarem no Instagram. As legendas e hashtags utilizadas nas publicações em questão sugerem que esses sujeitos possuem um desejo de visibilidade e/ou uma relação profissional com o universo que expressam em seus corpos.

³ Datado de 6 de dezembro de 2021.

Na primeira publicação temos a seguinte legenda: *Respire, se benze e vai fundo. O mundo é todo teu.* O enunciado da legenda apresenta uma frase motivacional, o verbo *Respire* sugere ter calma ou paciência, e o termo *benze* tem um sentido religioso de proteção. Já a composição das hashtags traz elementos sobre o marcador raça: *#morenotop*, *#morenolindo* e *#negrogay*”, as demais hashtags direcionam para sentidos de busca de seguidores: *#14k* *#engajamento* *#viral* *#morenotop* *#instagram* *#folloeforfolloeback* *#15k* *#sdvdivulgaai* *#interação* *#sdvdahora* *#sdvfollowme* *#likes* *#16k* *#gratidao* *#instagram* *#top* *#reels* *#seguidoresvip*”. E por fim, o marcador sexualidade: *“#boys #boyfriend # #gaytop #pride*. A partir disso, compreendemos um processo de exaltação do sujeito sobre sua própria imagem, e o desejo de alcançar visibilidade por meio dela.

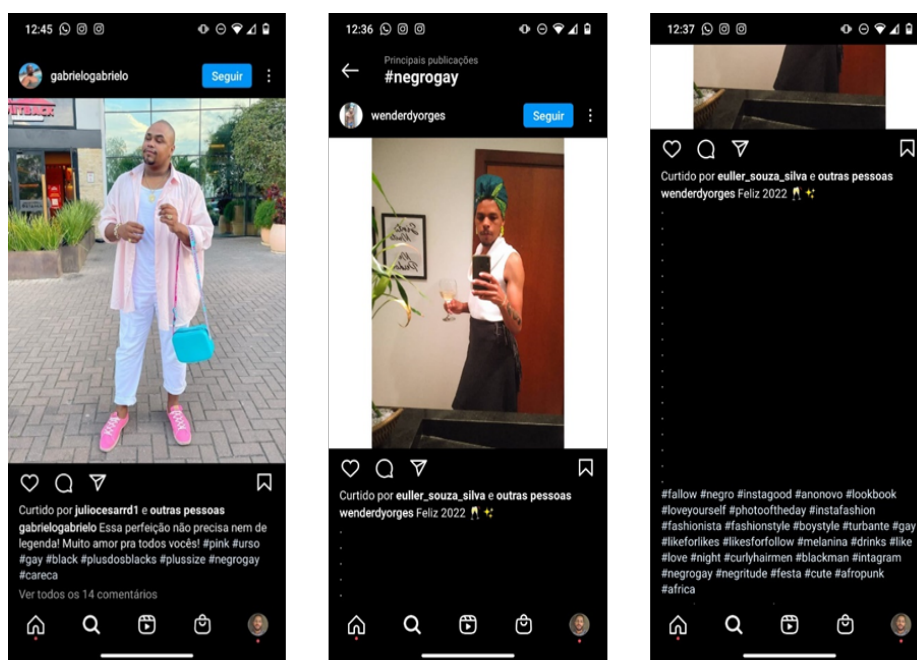
Por sua vez, a segunda publicação se apresenta enquanto um perfil profissional voltado à maquiagem, o próprio nome do usuário no Instagram indica isso: *@renatinho_makeupofc*. Ao entrar em seu perfil, que contém 12,2 mil seguidores e 34 publicações, isso fica em evidência. Confira a descrição do perfil [sic]: “🧐 | Maquiador profissional de Brasília ❤️ | As maquiagem mais linda é você encontra aqui, com todo amor e carinho 📱 | Agende seu horário pelo WhatsApp”.

Nessa conta, o maquiador apresenta seu trabalho aplicado nele mesmo com diversos tipos de maquiagens, sempre com fotografias e vídeos semelhantes a captura aqui em discussão. Veja a legenda e as hashtags da publicação: *“Nunca deixe esse seu brilho apagar! ✨* *#sejafeliz* ❤️ *#maquiagemnoiva* *#maquiagemnatal* *#maquiagemparatodos* *#maquiagemparamadrinhas* *#pelenegra* *#negro* *#negrogay* *#maquiagembrasil*”.

A composição dos enunciados sugere uma divulgação para maquiagens voltadas para casamento, o que chama atenção é a composição da hashtags em que direciona para esse tipo de maquiagem, bem como traz elementos em torno de raça: *#pelenegra* *#negro* *#negrogay*; sendo a última, a *#negrogay* a que apresenta a relação de sexualidade homoafetiva. Nesse ponto, entendo que a *#negrogay* além de servir como um meio de enunciar raça e sexualidade ela também constitui o universo da vida profissional. Através da exposição das informações desse perfil e dos enunciados, observamos um processo de sociabilidade de masculinidades negras homoafetivas através de práticas normatizadas enquanto do universo feminino, no caso

a maquiagem. E ao mesmo tempo essas práticas servem de estratégia de divulgação do trabalho profissional por meio do Instagram como faz o @renatinho_makeupofc que aplica seu trabalho em si mesmo e torna sua imagem material de divulgação.

Figura 2 - Capturas | Corporalidades Bixa Preta⁴



Fonte: Reprodução do Instagram.

As vestimentas, acessórios e paletas de cores são elementos discursivo-imagéticos que constroem formas de se apresentar ao mundo. Nos registros acima, bem como nos demais desse tópico é uma questão bem presente, a qual entendo enquanto um processo de demarcação e expressão de masculinidades negras homoafetivas que caminha próximo da concepção da feminilidade, manifestações que se aproximam da noção de *Bixa Preta*.

Na primeira captura da Figura 2 observamos um homem negro, utilizando roupas nas cores azul e rosa em tons claros, utilizando uma bolsa *feminina*, pulseiras e colares. Essa composição visual, exibe com orgulho. Na legenda ele detalha sobre: *Essa perfeição não precisa nem de legenda! Muito amor pra todos vocês! #pink (rosa — tradução livre) #urso #gay #black*

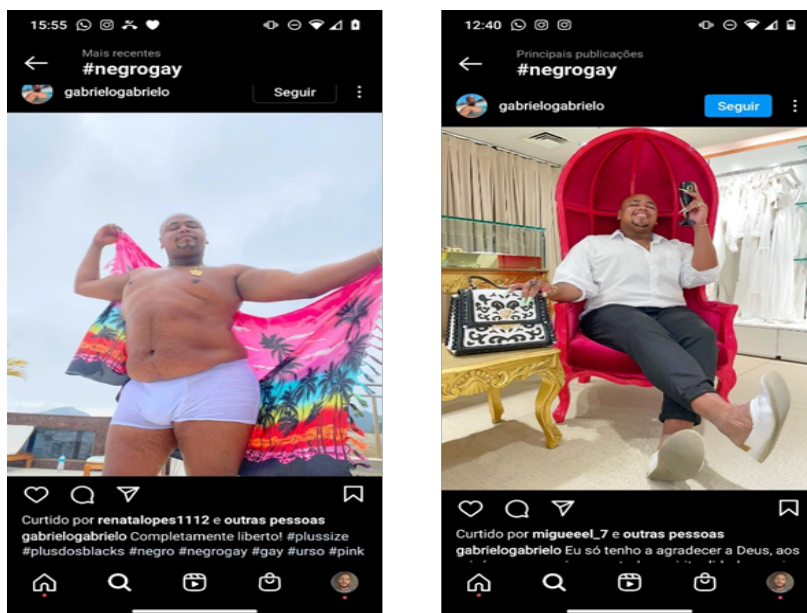
⁴ Datado de 16 de janeiro de 2022.

(negro — tradução livre) #plusdosblacks (tamanho grande para negros — tradução livre) #plussize (tamanho grande — tradução livre) #negrogay #careca.

Por meio desses enunciados, é perceptível que sujeito da publicação se entende como um homem negro gordo e careca, bem como externaliza sua aproximação com o universo feminino, bem com toma suas características enquanto autoestima, o enunciado: *Essa perfeição não precisa nem de legenda* está se referindo a ele mesmo naquele momento. Isso permite pensar uma demarcação da sexualidade enquanto participante com a sua expressão de masculinidade de forma indissociável. Outro ponto que chama atenção na legenda, é o fato dele dizer Muito amor pra vocês!, como uma forma de interação.

Ao entrar em seu perfil, identificamos que ele é produtor de conteúdo digital. Veja a descrição: GABRIELO 🟡 🍪25 / 📍RJ / ♊ Geminiano / 🏳️🌈 Gay / 🧔. Seu perfil possui 7.144 (sete mil e cento e quarenta e quatro) seguidores e conta com 177 (cento e setenta e sete) publicações, através de seu perfil é possível observar uma segmentação no estilo de conteúdo: apresentação de roupas, viagens, eventos e todas elas pautando sua estética gorda, feminina e negra. O perfil do @gabrielogabrielo em outros dois meses consecutivos publicações mais presentes nos registros. Segue mais capturas desse perfil:

Figura 3- Capturas | Corporalidades *Bixa Preta*⁵



⁵ Datadas de 04 de fevereiro de 2022 e 10 de março de 2022.

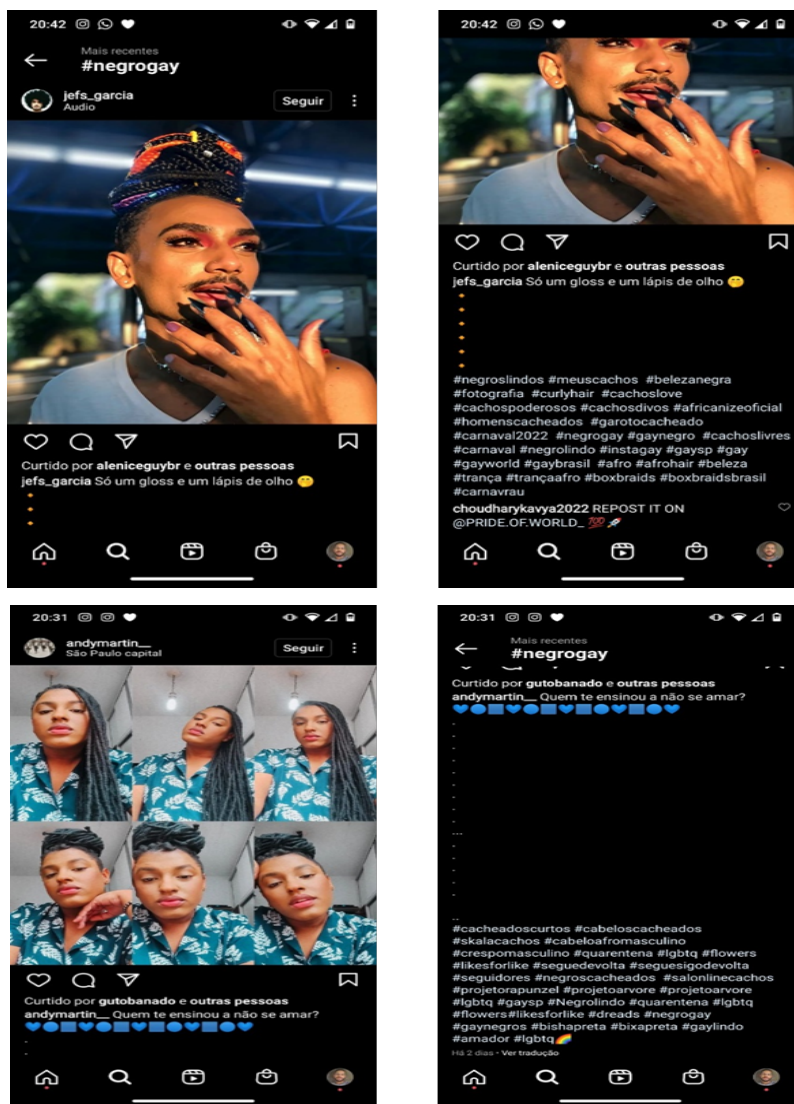
Fonte: Reprodução do Instagram.

Por meio dessas publicações, é possível identificar uma padronização no estilo de conteúdo produzido por este perfil. Elementos da moda — especialmente peças de roupa e acessórios que remetem a uma estética de feminilização enquanto estilo de vida — compõem o cotidiano desse sujeito. Além disso, há uma clara demarcação dos aspectos relacionados ao seu corpo, por meio dos quais ele se constitui publicamente em seu perfil como um homem gordo, produzindo conteúdos e narrativas que expressam uma corporalidade negra, gorda e com características femininas. Outro ponto relevante é a periodicidade dessas publicações ao longo do processo cartográfico, que possivelmente se deve à constância do uso das mesmas hashtags pelo perfil.

Por sua vez, a segunda publicação da Figura 3 reforça a observação empírica aqui apresentada, acerca das expressões das masculinidades negras homoafetivas vinculadas ao uso de elementos tradicionalmente associados ao universo feminino. Na publicação, observa-se um homem negro vestido com turbante verde, camisa branca e saia longa preta — um traje festivo, conforme evidenciado na legenda: *Feliz 2022* 🍷 🌟.

Por meio das hashtags é possível perceber que o sujeito busca visibilidade e engajamento em sua publicação: #fallow #negro #instagood #anonovo #lookbook #loveyourself #photooftheday #instafashion #fashionista #fashionsstyle #boystyle #turbante #gay #likeforlikes #likesforfollow #melanina #drinks #like #love #night #curlyhairmen #blackman #instagram #negrogay #negritude #festa #cute #afropunk #africa. As mesmas trazem à baila as enunciações de negritude e questões relacionadas à moda. Sendo assim, entendemos a exposição das peças de roupas como uma maneira de expressar modos de si para os outros, e esses elementos fazem parte das manifestações de sua negritude e anseio por ser visto.

Figura 4 - Capturas | Corporalidades *Bixa Preta*⁶



Fonte: Reprodução do Instagram.

Nas capturas acima, observam-se homens negros com tranças que, visualmente, remetem a cabelos longos — uma característica socialmente associada ao universo feminino, embora tal visão represente uma estereotipia ultrapassada. Reconhece-se, porém, a

⁶ Datada de 10 de março de 2022.

importância da (des)continuidade dessa característica, especialmente no contexto da atual vigência de cabelos longos para homens. Para as pessoas negras, as tranças vão além do aspecto estético, sendo compreendidas como símbolos de empoderamento e resgate da ancestralidade vinculada às culturas afro-brasileiras.

É possível sinalizar para essa percepção sobre estética negra através das traças fica em evidência através da legenda e hashtags utilizadas na segunda publicação: *Quem te ensinou a não se amar?*  #chacheados #cabeloscacheados #skalacachos #cabeloafromasculino #crespomasculino #quarentena #lgbtq #flowers #likesforlikes #seguede volta #seguesigdevolta #seguidores #negroscacheados #salonlinecachos #projeto rapunzel #projetoarvore #projetoarvore #lgbta #gaysp #negroslindo #quarentena #lgbtq #flowers #likesforlikes #dreads #negrogay #gaynegros #bishapreta #bixapreta #gaylindo #armado #lgbtq .

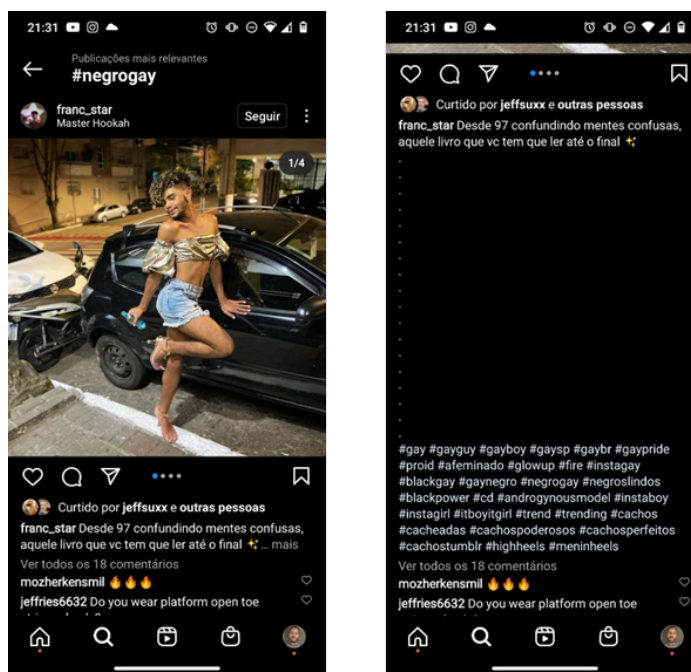
Essas hashtags, além de celebrarem e enunciarem a valorização dos cabelos negros masculinos e da beleza dos homens negros no âmbito da autoestima, também remetem à dimensão da sexualidade por meio da expressão *Bixa Preta*: #bishapreta e #bixapreta. As demais hashtags — como #likesforlikes, #seguede volta, #seguesigode volta e #seguidores — indicam um desejo de visibilidade e engajamento junto à comunidade virtual. Dessa forma, compreendemos que o uso das tranças transcende o imaginário restrito à feminilização dos cabelos longos, articulando-se também com uma construção discursivo-imagética vinculada à negritude.

Outro aspecto perceptível é que ambos fazem uso de maquiagem, dois tipos de maquiagem, o primeiro uma maquiagem mais chamativa e brilhante e o segundo mais discreta. A legenda da primeira publicação enfatiza o uso da maquiagem: *Só um gloss e um lápis de olho* . A legenda enfatiza o uso da maquiagem. Porém, outros elementos são destacados na publicação as unhas longas e coloridas e as traças com partes coloridas e pequenos adereços brilhantes pelo uso das hashtags e data de publicação podem sinalizar para uma montagem para o carnaval, e as hashtags semelhantes a segunda publicação enfatiza as traças enquanto uma relação com a negritude. Vejas as hashtags desta publicação: #negroslindos #meuscachos #belezanegra #fotografia #curlyhair #cachoslove #cachospoderosos #cachosdivos

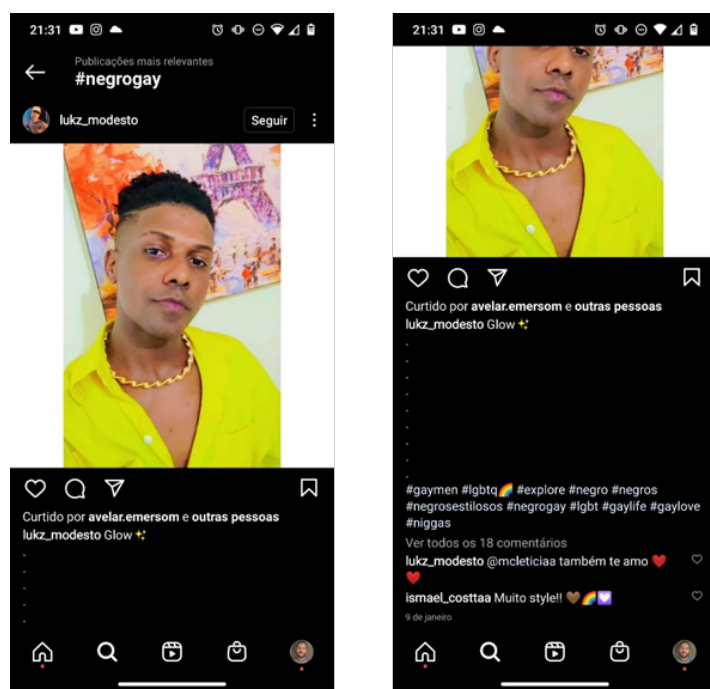
#africanizeoficial #homenscacheados #garotocacheado #carnaval2022 #negrogay #gaynegro #cachoslivres #carnaval #negrolindo #instagay #gaysp #gay #gayworld #gaybrasil #afrohair #beleza #trança #trançado #boxbraids #boxbraidsbrasil #carnavrau.

Em ambas as publicações, são utilizadas hashtags semelhantes que enfatizam tanto o uso das tranças quanto a valorização da beleza dos homens negros. Além das marcas relacionadas à raça, sexualidade e estética, também é possível perceber a demarcação de regionalidade, com referências ao Brasil e a São Paulo. A composição dessas publicações revela práticas de sociabilidade, no sentido de compartilhamento de características que constituem os sujeitos, que expõem suas maquiagens e tranças no Instagram — ou seja, modos de se enxergar e de se projetar socialmente.

Figura 5 - Capturas | Corporalidades Bixa Preta⁷ (23.05.2022)



⁷ Datada de 23 de maio de 2022.



Fonte: Reprodução do Instagram.

As noções de feminilidade permeiam desde a composição do vestuário até as expressões corporais. Dessa forma, o exercício das masculinidades também se manifesta por meio de gestos e trejeitos tradicionalmente associados ao feminino. Essas práticas constituem formas de resistência frente aos padrões vigentes de virilidade e força atribuídos ao homem negro *macho*, normatizados pela lógica heterossexual. As imagens da Figura 5 evidenciam esses trejeitos e vestuário de maneiras distintas, mas com elementos em comum. As configurações discursivo-imagéticas presentes nas peças de roupa, acessórios, legendas e hashtags têm sido interpretadas, neste contexto, como modos de expressão das masculinidades que dialogam com a noção de *Bixa Preta*.

Na primeira publicação da Figura 5, observa-se um homem negro ao lado de uma foto, vestido com minissaia jeans e um cropped de tecido brilhoso na cor dourada, usando salto alto, brinco e maquiagem. Toda a sua vestimenta e postura na fotografia expressam uma feminilização consciente e proposital. Esse direcionamento intencional fica evidenciado na legenda da publicação [sic]: *Desde de 97 confundindo mentes confusas, aquele livro que vc tem que ler até o final 🌟*”.

Esse enunciado pode sugerir que ele nasceu em 1997, e o uso da expressão *confundir* remete ao fato de sua forma de ser e se expressar transitar entre os universos masculino e feminino. Essa discursividade pode indicar uma pessoa de gênero fluido ou não binária, embora não possamos afirmar isso com certeza. No entanto, pelo uso das hashtags, podemos inferir que elas fazem referência às expressões de um homem negro homoafetivo, como evidenciam tags como *#gay*, *#gayguy*, *#blackgay*, *#gaynegro*, entre outras. Além disso, a presença de hashtags relacionadas a estética e identidade, como *#afeminado*, *#androgynousmodel*, *#cachos* e *#meninheels*, reforça uma construção identitária que articula sexualidade, raça e estilo.

Entre as hashtags, identificamos duas que dizem sobre seus modos de expressão de masculinidade: *#afeminado* e *#androgynousmodel* (*modelo andrógeno — tradução livre*). Isso leva a entender sobre a maneira como ele se veste enquanto parte do seu cotidiano, como também sinaliza para uma forma dele expressar sua masculinidade.

As hashtags, igualmente, direcionam para a questão da estética capilar, as quais ressaltam os cachos: *#cachos* *#cacheadas* *#cachospoderosos* *#cachosperifericos* *#cachostumblr*. Nessa publicação, e em outras capturas discutidas anteriormente, bem como em outros registros que não entraram neste texto, hashtags e legendas que ressaltam o aspecto da estética capilar de cachos e tranças têm sido observadas como elementos presentes nos atravessamentos das masculinidades aqui em discussão, sobretudo, se aproximam da percepção da *Bixa Preta*. Compreendemos que a relação com os cabelos e o foco discursivo-imagético neles podem indicar um processo de demarcação em torno da negritude bem como uma aproximação e/ou expressões de feminilidades.

Já na segunda publicação da Figura 5, observamos um homem negro, com uma camisa verde com gola v utilizando um colar dourado e maquiagem leve, em fotografia estilo *self* em um ambiente interno. A legenda apenas traz uma palavra com emoji: *Glow 🌟* (*Brilho — tradução livre*). A composição discursiva-imagética dessa publicação não tem tantos elementos expressivos como a anterior, o interessante é perceber como as expressões em torno de “*Bixa Preta*” são diversas e se alteram de sujeito para sujeito. Contudo, os elementos maquiagem — forte ou suave —, adereços: bolsas, colares, salto alto e roupas em cores vibrantes e/ou

brilhosas foram no geral pontos em comum nas publicações aqui coletadas e discutidas, como também em outros registros que não entraram neste texto por conta do espaço.

Considerações finais

A partir do material cartografado, torna-se possível reconhecer a multiplicidade das expressões de masculinidades negras homoafetivas que gravitam em torno da figura da “Bixa Preta” no Instagram. É relevante refletir que sujeitos com corpos diversos, oriundos de diferentes localizações geográficas e inseridos em distintas classes sociais, vivem suas próprias diásporas da *Bixa Preta*, conforme propõe Veiga (2019). Trata-se de uma experiência coletiva que envolve processos de subjetivação relacionados à sexualidade enquanto fenômeno social, onde a raça atua como um marcador fundamental nas negociações que ocorrem dentro da lógica colonial branca, racista e heterossexual, conforme destacado por Akotirene (2019).

Nessa direção, é possível identificar processos de (r)existência, conforme propõe Oliveira (2017), nos quais as expressões das masculinidades *Bixa Preta* ressignificam suas imagens, tornando-as públicas e constituindo suas masculinidades negras homoafetivas como afirmações presentes tanto na esfera pessoal quanto na profissional. Essas expressões demarcam modos singulares de ser e de perceber o mundo, distanciando-se da busca pela virilidade tradicionalmente estabelecida como parâmetro normativo para as masculinidades.

Compreendemos o Instagram como um espaço de (des)continuidade para as expressões da *Bixa Preta*. O discurso-imagético que constrói essa noção se apresenta como uma afirmação positiva, promovendo a ressignificação das masculinidades negras homoafetivas por meio da tecnologia (Feenberg, 1995), com todas as tensões, disputas e contradições que esse processo implica. Ainda que se trate de um estudo qualitativo, podemos reconhecer no Instagram um espaço de possibilidades, cuja estrutura discursivo-imagética — composta por fotos, legendas, comentários e outros mecanismos de interação — possibilita a construção de narrativas múltiplas. Essas narrativas, por sua vez, constituem a coletividade da *Bixa Preta*, ao mesmo tempo em que revelam suas singularidades e particularidades.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. 2. reimp. (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Polén Livros, 2019.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed., v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

FEENBERG, Andrew. Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia. [1995]. In: NEDER, Ricardo T. (Org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina; CDS; UNB; CAPES. 2. Ed. 2010, p. 67-96.

FERREIRA, Michel Alves. *Para o menino negro que fui ensinado a desprezar: sobre umas notas e trocas afetivas*. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2024.

FRANCISCO, André Henrique dos Santos. De “Lacraia” ao “Negão de tirar o chapéu”: apontamentos sobre masculinidades e negritudes em aplicativos de encontros entre homens. **Revista da ABPN**. v. 11, n. 30., set – nov 2019, p.29-53. Disponível em: https://www.academia.edu/44312086/De_Lacraia_ao_Neg%C3%A3o_de_tirar_o_chap%C3%A9u_Apontamentos_sobre_Masculinidades_e_Negritudes_em_Aplicativos_de_Encontros_entre_Homens. Acesso em: 16 de maio de 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 190f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SILVA, Geovane Pereira. *Masculinidades Negras Homoafetivas no Instagram: uma cartografia da produção de subjetividades pela #negrogay*. 2023. 168f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Piauí, 2023.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Maungo. **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Continuo Editorial, 2019.

Geovane Pereira da Silva - Universidade Federal do Ceará – UFC
Doutorando em Comunicação, Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Comunicação, Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado em Jornalismo, UFPI.
E-mail: geovane@ufpi.edu.br

Michel Alves Ferreira - Universidade do Estado do Mato Grosso – Unemat

Doutor em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/PPGTE). Mestre em Tecnologia (PPGTE). Graduado em Turismo, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unoeste). Professor na Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat).

E-mail: maferreiragi@gmail.com